

REVISTA

#RESPECTRO

Ano XI - Nº 29 - JUN/JUL/AGO.2025

**Dia do Orgulho
Autista faz 20 anos**

**CDC aponta 1
em 31 nos EUA**

**Um time de
futsal só de
autistas**

1 em cada 38



ISSN 2596-0539



Exemplar de
Assinante / Distribuição

VENDA PROIBIDA

SEJA REFERÊNCIA EM INCLUSÃO

TRANSFORME O FUTURO DE FAMÍLIAS
INTEIRAS COM AS NOVAS PÓS-GRADUAÇÕES



Domine as
técnicas e
práticas mais
modernas



Junte-se à
comunidade
de +100.000
alunos



Construa uma
visão baseada
em dados
científicos



Sinta-se mais
seguro em
casos clínicos
complexos

**APLIQUE AGORA PARA
UMA BOLSA DE ATÉ 40%**
no maior ecossistema de educação
em saúde mental do Brasil



Condição por
tempo limitado

LANÇAMENTOS 2025

ESPECIALIZE-SE EM:



Transtornos Ansiosos na Infância e Adolescência

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Coordenação: Mariana Fenta (pedagoga e psicopedagoga) e Dr. Gustavo Teixeira (psiquiatra, mestre em Educação e sócio-fundador do CBI of Miami). Receba orientação médica e educacional sobre psicopatologias pediátricas prevalentes que demandam atenção clínica e educacional.



Distúrbio Alimentar Pediátrico

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Coordenação: Dra. Joseane Bouzon (fonoaudióloga integrativa e mestre em Ciências da Saúde). Capacite-se em distúrbios alimentares infantis: aspectos médicos, nutricionais, emocionais e comportamentais com estratégias baseadas em evidências para a prática clínica e acolhimento familiar.



Psicopedagogia no Autismo e TDAH

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Coordenação: Mariana Fenta (pedagoga e psicopedagoga) e Dr. Gustavo Teixeira (psiquiatra, mestre em Educação e sócio-fundador do CBI of Miami). Amplie sua atuação no cuidado de crianças e adolescentes com TEA e TDAH. Desenvolva conhecimentos essenciais para orientar equipes da saúde e educação em intervenções terapêuticas e psicopedagógicas eficazes.



Terapia Cognitivo-Comportamental e Abordagens da Terceira Onda

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Coordenação: Cintia Bueno (psicóloga, doutora em Psicobiologia), e Daniel Bartholomeu (psicólogo, doutor em Avaliação Psicológica e pós-doutor em Desenvolvimento Humano). Aprimore o tratamento de transtornos emocionais e de personalidade com TCC e terapias de terceira onda (ACT, DBT, Terapia Focada na Compaixão), com estratégias práticas para flexibilidade psicológica, regulação emocional e resiliência em contextos clínicos.

Porque mais de **100.000 alunos** já escolheram o CBI:



Diploma do MEC
e Certificação
Internacional



Modalidade
100%
Online



Corpo docente
renomado e com
experiência clínica



Encontros ao
vivo com os
professores
especialistas



Metodologia
exclusiva CBI

Índice

Colunas

Matraquinha	12
Trabalho no espectro	48
Tudo o que podemos ser	50

Sessões

O que é autismo?	08
O que é a Revista Autismo?	09
HQ - André e a Turma da Mônica	10
Canal Autismo	41

Reportagem de Capa

30

1 em 38: Brasil conhece, pela 1ª vez, seu número oficial de diagnósticos de autismo

Reportagens e artigos

Autismo e dependência química	14
ABA: verdadeira função	18
Trabalho: 10 coisas pra serem ditas	21
Dia do Orgulho Autista faz 2 décadas	22
CDC aponta: 1 em 31 nos EUA	26
Um time de futsal só de autistas	34
O mito do “gênio incompreendido”	38
Respeitem nossos corpos	44



Ilustração: Samyra Oliveira

#RESPECTRO

Leia este QR-code com seu celular e acesse a versão online desta edição com conteúdo extra.



EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano XI — número 29

Junho de 2025

ISSN: 2596-0539

Venda avulsa proibida

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 5.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Lucas Ksenhuk

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Carmem Dalida, Cindy Dalvofo, Daniel Lima, Fátima de Kwant, Fernanda Barbi Brock, Letícia Gomes, Lucas Ksenhuk, Lucelmo Lacerda, Marcelo Vitoriano, Márcia Machado, Maurício de Sousa, Nícolas Brito Sales, Roseli Claro, Samanta Paiva, Samyra Oliveira, Sophia Mendonça, Thiago Cabral Pereira, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Grupo Primum Educacional, Clínica Somar, Biosintética, PECS-Brasil, Montando um Time.

Fundação 2010

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

X/Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/@RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: CanalAutismo.com.br/revista

Editado por: Revista Autismo

R. Bela Cintra, 336 - cj. 74-A, Consolação
São Paulo (SP). CEP 01415-000
CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

Editorial

Enfim, temos um número oficial. Pela primeira vez na história do Brasil, o Censo Demográfico trouxe dados sobre o diagnóstico de autismo. São 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas, segundo o IBGE. Um marco — mas ainda longe de representar todos os autistas do país. Os dados são autodeclarados, e muita gente ainda vive sem diagnóstico, especialmente adultos e pessoas em situação de vulnerabilidade.

A prevalência de 2,6% entre crianças de 5 a 9 anos (1 em cada 38) dá uma pista clara: se o autismo não desaparece com a idade, é razoável supor que esse percentual se repita em outros grupos etários. Projeções apontam para mais de 5,5 milhões de autistas no Brasil — muitos ainda invisíveis.

Ter esse dado é só o começo. É preciso transformar números em política pública. Educação, saúde, trabalho, acessibilidade, inclusão. O Brasil precisa sair das estimativas e olhar, com seriedade, para sua população autista. O Censo foi uma conquista da comunidade do espectro. Agora, o que faremos com esses dados? Que o próximo passo seja ação. E escuta.

Nesta edição ainda temos a divulgação dos dados recentes do CDC, nos Estados Unidos: 1 em cada 31 crianças de 8 anos está no espectro — uma prevalência de 3,2%. A proximidade entre os dados brasileiros e estadunidenses reforça a importância de acesso à saúde, diagnóstico precoce e políticas públicas efetivas.

Outro destaque muito importante nesta revista são os 20 anos do Dia do Orgulho Autista, data importante para a comunidade e que homenageamos com uma reportagem sobre o 18 de junho e a história brasileira relacionada à data, numa ótima reportagem do jornalista Tiago Abreu.

Quero, por último, destacar os 15 anos da criação da Revista Autismo, com o início dos trabalhos em 23.abr.2010 e a publicação da edição número zero em setembro daquele ano. Nos mantemos firmes no propósito de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo. A você, leitor(a), meu muito obrigado e espero que goste de mais esta edição. Boa leitura!

FRANCISCO PAIVA JR.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para editor@RevistaAutismo.com.br. Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



instagram.com/
RevistaAutismo



fb.com/
RevistaAutismo



twitter.com/
RevistaAutismo



youtube.com/user/
RevistaAutismo



linkedin.com/company/
RevistaAutismo



threads.net/
@RevistaAutismo

Quem
colabrou
nesta edição

#RESPECTRO



**ALYSSON
MUOTRI**
neurocientista



**CINDY
DALFOVO**
educadora



**FATIMA
DE KWANT**
jornalista



**THIAGO
CABRAL**
psiquiatra



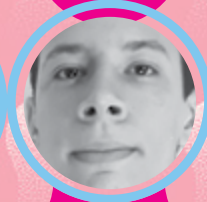
**LEANDRO
J. SILVA**
cient. dados



**WAGNER
YAMUTO**
empreendedor



**MARCIA
MACHADO**
arquiteta



**NICOLAS
BRITO SALES**
fotógrafo



**TIAGO
ABREU**
jornalista



**SOPHIA
MENDONÇA**
jornalista



**LUCELMO
LACERDA**
pesquisador



**ROSELI
CLARO**
atendente

Apoie este projeto:
[CanalAutismo.com.br/apoie](https://canalautismo.com.br/apoie)

Assine e receba em casa
[CanalAutismo.com.br/assine](https://canalautismo.com.br/assine)

Baixe grátis as edições anteriores:
[CanalAutismo.com.br/Revista](https://canalautismo.com.br/Revista)

Fale conosco:
redacao@RevistaAutismo.com.br

**Quer colaborar
com a Revista
Autismo?**

Se você é artista e autista,
e também quer colaborar
com a **Revista Autismo**,
envie um email para
editor@RevistaAutismo.com.br,
se apresentando e mandando um link
de seus trabalhos artísticos (pode ser
um Instagram ou catálogo digital).

Artistas que ilustraram esta edição



LUCAS KSENHUK

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

✉ lucasksenhuk.com
📷 @lucasksenhuk.art/



CAMILA ALI CHAIR

Paulistana, formada em animação e biologia, ilustra livros e artigos paleontológicos, desde criança fascinada por dinossauros e paleoartes.

📷 deviantart.com/freakyraptor
📷 @camila_alli



BIA RAPOSO

Artista visual, professora e provocadora cultural. Ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu.

📷 @biabiaraposo



LETÍCIA GOMES

Autista diagnosticada na idade adulta, gosta de design e ilustração, além dos seus gatos e família.

📷 @leh.opato



SAMYRA OLIVEIRA

Estudante, nascida em 2008, desenha desde sempre, mas começou a investir mais na área aos 9 anos. Passa a maior parte do tempo desenhando ou abrindo insetos.



MAURICIO DE SOUSA

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

✉ @institutomauriciodesousa
📷 @turmadamonica



ALEXANDRE BERALDO

Designer de formação, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte dessa revista linda.

📷 @xandeberaldo



DANIEL LIMA

Autista, nasceu em Bragança Paulista, atua como artista visual, ilustrador e agente cultural, além de tocar guitarra na banda Inês é Morta.

📷 @danz_____u



QUER ILUSTRAR?

Quer ter uma ilustração publicada na **Revista Autismo**?

Leia as instruções no rodapé desta página.



SAMANTA PAIVA

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 15 anos, é fã do filme Black Phone e da série Stranger Things



FERNANDA BARBI BROCK

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 @fer.barbi.brock



CARMEN DALIDA

Carmem Dalida é autista e possui altas habilidades/superdotação. Dançarina, escritora, filósofa e desenhista, dedica-se às artes e à incessante busca do saber.

O que é AUTISMO

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por **Francisco Paiva Junior**

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.230 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de

eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica Aspies for Freedom (AFF), a partir de 2005.

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hiperreatividade sensorial.

O que é a REVISTA AUTISMO

A **Revista Autismo** é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a

Revista Autismo segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes.

Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, também pode assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital.

Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site CanalAutismo.com.br.

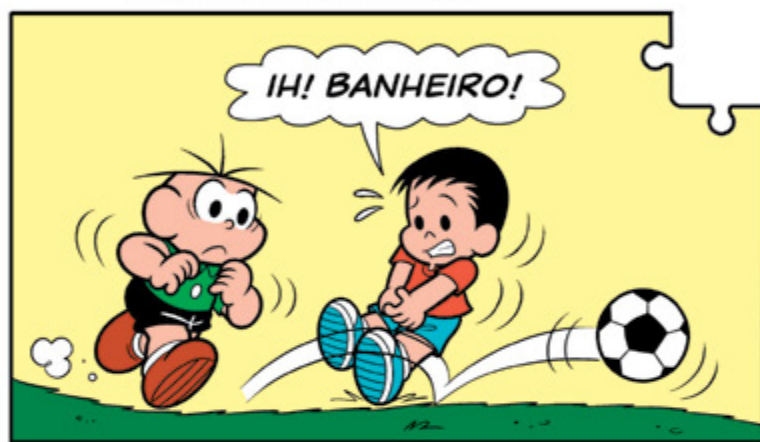
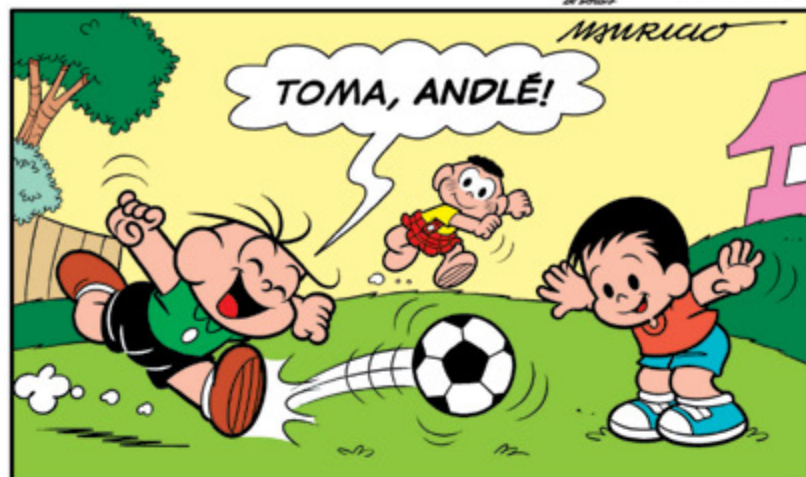


ANDRÉ

em

AO PÉ DA LETRA

© Instituto Maurício de Sousa - Brasil / 2019



FIM

Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:
CanalAutismo.com.br/assine

Apoie e receba a versão digital:
CanalAutismo.com.br/apoie



Matraquinha

A luz que machuca

Este texto é um trecho do livro que será lançado em breve, reunindo histórias e aprendizados da nossa vivência com o autismo.

Bel.

O mundo é muito. **Demais.**

As luzes dos letreiros piscam como estalos elétricos. O brilho vermelho do farol de trânsito invade meus olhos e grita dentro da minha cabeça. Meu peito aperta. Eu pisco rápido, mas a luz fica presa na minha visão. Manchas coloridas, como fantasmas de neon.

Os fones de ouvido não são suficientes. As buzinas cortam o ar como lâminas afiadas. Passos apressados fazem o chão vibrar. Conversas atropeladas ecoam como ondas em um mar de vozes. **Barulho, barulho, barulho.**

As ruas da **Avenida Paulista** fervem. A cidade é um monstro de concreto e vidro cuspidor sons e cheiros sem parar.

Alguém está fumando perto. O cheiro gruda no meu nariz. É quente, fedido. Me faz tossir.

Pessoas passam por mim. Rápidas. Esbarram. O tecido das roupas deles toca minha pele como lixas. Arde. Meu corpo todo se contrai. Eu seguro os braços. Tento me esconder dentro de mim.

As luzes do shopping do outro lado da rua piscam descontroladas. Algo está errado. O padrão não bate.

Um, dois, três, quatro... Eu conto para

organizar o mundo. Mas o mundo não se deixa organizar.

Meu tênis está apertado. O cadarço arranha meu tornozelo. A etiqueta da camiseta incomoda como um inseto preso na pele. Minha garganta está seca, mas não consigo beber nada agora. A textura da água me dá ânsia.

Eu deveria estar em casa.

Mas estou aqui.

E então vejo.

Algo quebra o padrão.

Um homem.

Outro homem.

Uma faca.

Corta.

O vermelho do sangue é tão intenso quanto as luzes da cidade. **Escorre.**

O cheiro de ferro é forte. Se mistura com o cheiro do cigarro. Do escapamento dos carros. Do asfalto quente.

Quero cobrir os olhos. Mas não consigo.

Meu corpo está travado. Meu peito aperta. Minha respiração falha. O ar não entra direito. O mundo pisca, pisca, pisca. Minha cabeça está rodando, rodando. O que está acontecendo?

Eu tento falar.

Minha boca se abre.



Wagner Yamuto

 [matraquinhaoficial](#)
 [@matraquinhaoficial](#)
 [matraquinha](#)
 [matraquinha.com.br](#)

é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

Eu sei o que quero dizer.
 Mas minha voz não obedece.
 As palavras estão presas. Como sempre.
 Só uma escapa.
 "Bel."
 O homem se vira.
 Me olha.
 Ele viu que eu vi.
 E então ele **sorri**.
Continua...





Autismo e dependência química: um risco invisível

Vulnerabilidades no TEA elevam o risco de uso de substâncias e desafiam o cuidado clínico

Texto por **Thiago Cabral**

Ilustração
Daniel Lima



associação entre o transtorno do espectro autista (TEA) e a dependência de substâncias psicoativas é um tema que, embora ainda pouco explorado, merece atenção crescente. Tradicionalmente, acreditava-se que pessoas autistas estariam menos propensas ao uso de álcool e drogas devido a características como rigidez comportamental e menor envolvimento em contextos sociais.



#RESPECTRO

No entanto, evidências clínicas recentes desafiam essa suposição, apontando para uma realidade mais complexa.

Estudos sugerem que, embora a prevalência geral de transtornos por uso de substâncias (TUS) possa ser menor entre pessoas autistas, subgrupos específicos — especialmente aqueles com diagnóstico tardio, comorbidades como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) ou transtornos do humor — apresentam vulnerabilidade elevada. O risco também é ampliado em indivíduos com dificuldades de regulação emocional, impulsividade e histórico de rejeição social.

A motivação para o uso de substâncias em indivíduos autistas frequentemente difere daquela observada na população neurotípica. Enquanto o consumo entre neurotípicos pode estar associado a contextos sociais ou recreativos, no TEA o uso tende a ser solitário, ritualizado e orientado à redução do sofrimento psíquico. Álcool, benzodiazepínicos e, em alguns casos, opioides são utilizados para aliviar ansiedade social, sentimentos de inadequação e sobrecarga sensorial.

A motivação de autistas usarem substâncias psicoativas frequentemente difere de neurotípicos.





Thiago Cabral

Instagram @cabralpsiquiatra

E-mail cabralmed@me.com

Website clinicaequilibriobemestar.com.br

**é médico psiquiatra
com especialização
em psiquiatria forense
e psicoterapia.**

O diagnóstico da dependência química em pessoas autistas é um desafio considerável. Sintomas de intoxicação ou abstinência — como alterações de humor, irritabilidade ou comportamentos repetitivos — podem ser erroneamente interpretados como manifestações do próprio autismo. Além disso, a dificuldade de comunicação emocional e de autopercepção podem atrasar a identificação do problema, tanto por parte dos profissionais quanto das famílias.

O tratamento eficaz requer adaptações específicas. Estratégias tradicionais, como grupos de apoio em formato aberto, podem ser desconfortáveis ou pouco eficazes para muitos autistas. Intervenções individualizadas, terapia cognitivo-comportamental (TCC) adaptada ao perfil neurodivergente e abordagens que respeitem as particularidades sensoriais e a necessidade de previsibilidade são fundamentais. O suporte da rede familiar, o desenvolvimento de habilidades sociais seguras e a criação de rotinas estruturadas também desempenham papel crucial no processo de recuperação.

Importante destacar que a presença de deficiência intelectual em alguns indivíduos com TEA parece atuar como fator protetor contra o desenvolvimento de TUS, enquanto a coexistência de TDAH, impulsividade e depressão eleva o risco. A falta de protocolos de triagem

adaptados ao perfil autista pode resultar em subdiagnóstico e tratamento inadequado.

A discussão sobre autismo e dependência química ainda é incipiente no Brasil, apesar da minha percepção de um número cada vez maior que tenho atendido em meu consultório. Ampliar o reconhecimento dessa associação é urgente para garantir que pessoas autistas que enfrentam esse desafio recebam intervenções adequadas, precoces e sensíveis às suas necessidades específicas.

O espectro autista é amplo e diverso. Assim como diversas são as formas de sofrimento e as estratégias de enfrentamento. Reconhecer a existência desse risco invisível é um passo fundamental para promover acolhimento, compreensão e tratamento verdadeiramente efetivos.





ABA

A verdadeira função da Análise do Comportamento Aplicada

Texto por **Lucelmo Lacerda**

Ilustração
Samanta Paiva



#RESPECTRO

“Terapia ABA” está na boca do povo, especialmente como abordagem terapêutica de sucesso no desenvolvimento de habilidades e redução de comportamentos desafiadores com pessoas autistas. Mas, essa é só a ponta do iceberg e quem não conhecer o iceberg inteiro vai ter dificuldade de entender (e trabalhar com) esse campo prático.

ABA é uma sigla do inglês Applied Behavior Analysis e é uma área aplicada de uma ciência maior, a Análise do Comportamento, que estuda como funciona o comportamento dos seres humanos, um estudo com princípios demonstrados em laboratório, desde comportamentos motores até emoções e pensamentos (que também são comportamentos).

Mas, a vida real é diferente e por isso surgiu a ABA, o campo prático cujo objetivo é melhorar a qualidade da vida humana por meio da aplicação dos conhecimentos demonstrados experimentalmente. Há o uso da ABA para reduzir vício em jogos (função não aprovada pelo Tigrinho), melhoria de desempenho esportivo, desenvolvimento de criatividade e, claro, a famosa intervenção para indivíduos com transtornos do desenvolvimento, tais como o transtorno do espectro autista e a deficiência intelectual.

Essa ciência aplicada tem alguns princípios, as 7 dimensões da ABA (há uma oitava dimensão, mais atual, mas deixa para um próximo texto), que estabelecem o verdadeiro espírito dessa ciência: 1. Aplicada, 2. Comportamental, 3. Analítica, 4. Tecnológica,

5. Conceitualmente Sistemática, 6. Eficaz e 7. Generalizável (Baer, Wolf & Risley, 1968).

Cada uma mereceria muitos textos, mas a mais importante (em minha visão) é a primeira, a que compõe a identidade irreduzível dessa ciência. A dimensão Aplicada indica que uma intervenção que se baseie em ABA sempre, sempre, sem nenhuma exceção, deve buscar um objetivo que seja **socialmente relevante** para o indivíduo a quem estamos apoiando.

Isso quer dizer que um serviço baseado em ABA (seja clínico, educacional ou social) deve sempre compreender qual é o contexto social do aprendiz, pensar que comportamentos são socialmente relevantes para a melhoria de sua qualidade de vida que estão alinhados com seus próprios valores (e de sua família) e apoiá-lo nesse desenvolvimento.

Muitos comportamentos podem ser socialmente relevantes para diferentes indivíduos, a depender das habilidades que possua e de seu contexto (idade, local em que vive, desejos pessoais, queixas). Para alguns aprendizes pequeninos, é relevante desenvolver habilidades básicas, como o brincar independente e social, imitação, atenção compartilhada, entre outras.

Já para um adolescente com um quadro sutil, habilidades sociais de conversação, de realização de

Um serviço
baseado em
ABA deve
sempre
compreender
qual é o
contexto social
do aprendiz



**Lucelmo
Lacerda**

[lucelmo.lacerda](#)
[@prof.lucelmo](#)
[cbiofmiami.com](#)

é doutor em Educação, fez pós-doutorado no departamento de psicologia da UFSCar, é pesquisador em autismo e coordenador da pós-graduação em intervenção ABA do CBI of Miami.

trabalhos em grupo e talvez até de um xaveco mais habilidoso sejam necessários. Em adultos, os apoios se deslocam desse eixo e podem variar para habilidades funcionais (como pegar ônibus, comprar coisas, organizar sua casa e rotina) e sociais complexas (como habilidades conjugais ou laborais), a depender do perfil.

Para além desses limitadíssimos exemplos, há muitos milhares de outros, mas quem decide o que é ou não é socialmente relevante para um indivíduo? Ele próprio e sua família. A ABA não é a capitã da vida de ninguém, é uma remadora, junto com os pais, a escola e outros serviços de apoio, todos em busca de uma qualidade de vida melhor para o atendido! 🌊



#RESPECTRO



A Clínica Somar tem como diferencial um time com capacidade profissional de alto nível acadêmico. Priorizamos um atendimento humanizado, estimulando a capacidade individual de cada um e facilitando o ensino de novos repertórios sempre com o objetivo da independência e o bem-estar emocional.

A Somar celebra quase duas décadas de dedicação e impacto na vida de pessoas com autismo. Com 5 unidades, incluindo a mais recente no Sport Clube do Recife, seguimos comprometidos em promover suporte, inclusão e um futuro mais acessível para todos construindo um caminho de oportunidades e transformação.



UNIDADES E CONTATOS

@autismosomar

Unidade PIEDADE
(81) 3465-3913Unidade OLINDA
(81) 4100-1166Unidade BOA VIAGEM
(81) 3465-3913Unidade TORRE
(81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656Unidade ILHA DO RETIRO
(81) 3049-2141 ou (81) 9 9832-0104CELEBRANDO
QUASE 2 DÉCADAS

✕ 10 COISAS

Que seu colega de trabalho autista gostaria que você soubesse



Texto por **Roseli Claro**

Ilustração
Carmem Dalida

1 Sou um adulto, não se dirija a mim da maneira que se dirige a uma criança, isso faz com que eu me sinta inferior e o que mais busco é justamente o contrário.

2 Minha compreensão tem seu próprio tempo, talvez você precise falar mais de uma vez a mesma coisa para que eu possa entender o que você me pede, tenha paciência, não faço isso para te irritar, eu realmente não te entendi.

3 Converse comigo, aproxime-se de mim, talvez eu não facilite, mas isso não tem nada a ver com você, é uma luta interna minha e o que eu mais quero é conseguir vencer isso.

4 Peça coisas para mim, coisas que eu possa realizar, isso faz com que eu me sinta incluída.

5 Ofereça-me ajuda, para mim é difícil cumprir algumas tarefas, sinto-me muito frustrado e desmotivado quando não consigo realizar uma tarefa que me foi solicitada.

6 Quando precisar me passar alguma tarefa, use frases curtas, não fale de pressa, muitas palavras me causam grande ansiedade e sobrecarga, isso me traz sofrimento e eu não conseguirei te ajudar.

7 Não deve ser comum para você ter um colega que emite sons estranhos, às vezes pula ou bate palmas, faz movimentos repetitivos, mas não se assuste, esses comportamentos me ajudam a me reorganizar. Quando faço isso, eu estou bem.

8 Se por acaso eu me desorganizar em excesso, por favor, não me toque, não tente me segurar. Isso irá passar entre 5 a 15 minutos no máximo. Não se aproxime muito, mas também não me deixe só. Eu sei, é confuso para mim também.

9 Se eu não conseguir realizar algo, pode ser que eu me frustre e não queira mais tentar, talvez eu fique bem irritado. Dê-me um tempo para eu me reorganizar.

10 Antes de ser autista, sou uma pessoa. Fazer parte de uma empresa, poder ser seu colega, ser incluído em algo é o que venho buscando no decorrer de toda a minha vida. Por favor, me aceite.

Roseli Claro

@roseli.claro.tea
@diariodeumamulhercomtea
@gmetodo

54 anos, autista
nível 2 de suporte,
completando 6
anos de trabalho
no Grupo Método.

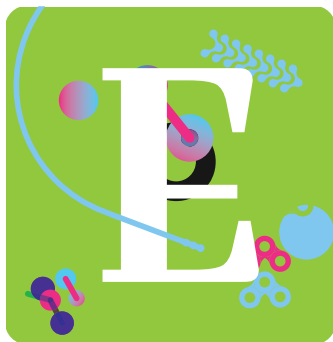




O primeiro Dia do Orgulho Autista

Texto por Tiago Abreu

Ilustração
Lucas Ksenhuk



Em meados de 2004, autistas em um fórum do Reino Unido chamado Aspies For Freedom (AFF) discutiam a necessidade de existir uma data para celebrar o autismo. Àquela altura, ainda não existia o Dia Mundial do Autismo, que só surgiria em 2007, embora abril já fosse o mês relacionado ao autismo nos Estados Unidos, enquanto, no Reino Unido, era outubro.

20 anos depois,
a data continua
a ser comemorada
em todo
o mundo



Vinte anos depois, o Dia do Orgulho Autista — celebrado todo 18 de junho com o objetivo de mostrar o lado positivo do autismo — continua presente em eventos oficiais e publicações nas redes sociais, ao passo que agrega adeptos e motiva desafetos. Mas, o primeiro dia dessa comemoração, em 2005, reuniu histórias em todo o mundo, incluindo o Brasil, que hoje estão esquecidas ou pouco lembradas.

Por que 18 de junho?

O dia 18 de junho foi escolhido por ser o aniversário do integrante mais jovem do grupo fundador do fórum britânico. A escolha não foi universalmente bem aceita entre todos os usuários e, em uma publicação no fórum, 61% votaram para que a data fosse em outro dia. Uma das principais críticas era a associação ao que se chamava, na época, de “orgulho gay”.

Amy, uma das administradoras na época, contra-argumentou essas críticas. “Não é o Dia do Orgulho Gay. O Dia do Orgulho Gay não tem um dia fixo todos os anos. Se for realizado durante a ‘semana oficial’ [do Dia do Autismo] estabelecida por neurotípicos, isso será mais prejudicial do que benéfico. Além disso, essas semanas e meses também são diferentes em outros países! O tipo de cobertura midiática durante esse período é frequentemente negativo, com uma tendência extrema para ajudar crianças muito pequenas com autismo”, argumentou.

Apesar de a AFF não ser uma associação no sentido formal, reunia autistas de diferentes países e, assim, conquistou interesse no ambiente virtual. Em 2006, o fórum já reunia

mais de mil usuários ativos e possuía mais de 30 mil publicações. Em cada país, internautas autistas começaram a divulgar o Dia do Orgulho Autista, seja em ações presenciais com cartazes, seja com a produção de textos para a imprensa.

A primeira menção ao Dia do Orgulho Autista em um veículo de larga circulação no Brasil se deu no jornal Folha de S.Paulo. O jornalista Luiz Caversan, no dia 6.jun.2005, publicou o texto ‘Viva a diferença’. Nele, o autor argumentava que a data era “uma forma de contrapor estigma e respeito ao descaso, ao preconceito, à hostilidade ou ao desprezo que a sociedade moderna reserva para o que é diferente, diverso e, assim, do seu ponto de vista, incômodo”.

Data dos autistas, mas celebrada pelos pais

O artigo de Caversan foi inspirado em um manifesto produzido por Argemiro Garcia, um pai de autista, de Salvador (BA), para o portal Anjos de Barro. Argemiro traduzia textos de portais de notícias e fóruns autistas do exterior e escreveu um texto para um panfleto. O Grupo de Apoio ao Indivíduo Autista (GAIA), de São José dos Campos (SP), chegou a produzir um panfleto para a data. Mas, em e-mail enviado pela associação à **Revista Autismo**, a organização informou que o documento não chegou a ser distribuído na cidade.

O texto publicado na Folha ressoou em outros estados. Em Brasília (DF), o policial rodoviário federal Fernando Cotta (que também tem um filho autista), de 57 anos, leu o artigo e viu a necessidade de produzir algo para o Dia do Orgulho Autista na capital federal. Entre os familiares participantes estavam Ana Lúcia Nascimento, Maria Lúcia Gonçalves, Alexandra Capone e Elaine Gonçalves, que confeccionaram mais de mil panfletos financiados de forma independente após a desistência de um patrocinador. “Foi tudo muito artesanal, mas a gente estava determinado a fazer”, lembra Cotta.

A entrega dos panfletos ocorreu por meio de



Símbolo

o símbolo do infinito (lemniscata) é uma importante representação gráfica associada ao Dia do Orgulho Autista e à neurodiversidade.

uma *blitz* educativa no trecho da BR-040/050, na saída sentido Belo Horizonte, com o apoio da Polícia Rodoviária Federal e do Sindicato dos Policiais Rodoviários Federais. Em vez de uma fiscalização comum, os carros paravam e os condutores recebiam informações sobre o autismo, entregues pelos familiares vestidos com camisetas alusivas à data. Muitos motoristas reconheceram características descritas no panfleto em parentes ou conhecidos e relataram suas experiências. Alguns, no entanto, demonstraram desconhecimento ou até usaram termos pejorativos. “Teve um motorista que falou: ‘Ah, conheço um doidinho assim lá na minha rua’”, lamentou Fernando Cotta.

Após o sucesso na rodovia, os voluntários seguiram para o Estádio Mané Garrincha, onde ocorria uma partida do campeonato brasileiro entre Brasiense e Corinthians. Lá, dividiram-se em pequenos grupos para distribuir os panfletos ao público que chegava ao jogo. Nos dias seguintes, os panfletos restantes foram distribuídos em shoppings e outros espaços de Brasília. Assim, nascia a primeira grande ação do que, mais tarde, se tornaria o Movimento Orgulho Autista Brasil (MOAB).

Depois da ação, Fernando enviou uma mensagem para a AFF, que foi divulgada no fórum e ajudou a consolidar aquela iniciativa como a principal atividade relacionada ao Dia do Orgulho Autista no Brasil. Ao que tudo indica, nenhuma outra ação de proporções semelhantes ocorreu na mesma data. O jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre (RS), chegou a noticiar, no dia 18, que a Associação dos Pais e Amigos dos Autistas do Rio Grande do Sul (AMA/RS) realizaria uma panfletagem no dia 19, mas sem fornecer maiores detalhes.

Na ausência de autistas, o que originalmente era um movimento para se orgulhar de ser autista transformou-se em um orgulho pelos filhos. “Tem gente que acusa a gente, hoje, de se apropriar indevidamente da data. Nosso entendimento não é esse”, defendeu Cotta. Por conta dessa participação majoritária de familiares de autistas, há divergências sobre quais ações devem ser consideradas válidas na celebração da data. Até hoje, veículos de imprensa frequentemente divulgam que o Brasil realizou o maior evento relacionado ao Dia do Orgulho Autista no mundo. Enquanto isso, alguns textos internacionais ocasionalmente destacam um evento menor ocorrido em Seattle, nos Estados Unidos, também divulgado nos fóruns da AFF.



De volta para o futuro

A comunidade do autismo transformou-se ao longo dos anos, inclusive no Brasil. Na década de 2010, um número mais expressivo de autistas adultos passou a participar do debate sobre direitos, políticas públicas e inclusão no país. Como resultado, o Dia do Orgulho Autista não apenas permaneceu no calendário nacional, mas também expandiu sua popularidade.

No entanto, 20 anos depois, essa popularidade reflete o mesmo propósito da *Aspies For Freedom* ao criar uma data voltada para os autistas? João Victor Ipirajá, 24 anos, estudante de Engenharia da Computação no Instituto Federal do Ceará (IFCE), autista e membro da Casa da Esperança, em Fortaleza (CE), acredita que não, especialmente devido à diversidade da comunidade autista. Mesmo assim, ele considera que as transformações exigem tempo.

“Além de promover a conscientização, o orgulho autista representa uma oportunidade para reverter os retrocessos que cedemos em nome de

2005

foi o ano da 1ª celebração do Dia do Orgulho Autista, em 18 de junho.



61%

dos autistas votaram para que a data fosse em outro dia, diferente de 18 de junho.

uma compulsão por normalidade. Trata-se de incentivar as pessoas a reconhecerem o valor de nossas necessidades, que vão muito além da mera aceitação parcial, pois são pilares essenciais para vivermos em harmonia”, argumentou João Victor.

Entre as transformações vividas pela comunidade está o crescente número de familiares de autistas que também se descobrem autistas. Esse é o caso de Juliana Fortes, 55 anos, que se reconheceu autista já atuando no movimento social, inicialmente como mãe, após uma infância marcada pela perda dos pais. Ela fundou o Instituto Psicossocial Renascer do Autismo (Ipra), cujo lançamento ocorreu no Dia do Orgulho Autista, em 2016.

Juliana discorda de familiares de autistas que dizem amar seus filhos, mas odiar o autismo. “Eu me orgulho do meu filho e me orgulho do pertencimento. Meu filho tem 14 anos e, até os 7, era não-verbal. Um dia, na saída da escola, ele me disse: ‘Mãe, tenho vergonha de ser autista. Eu quero ser uma pessoa normal’. Isso me chocou muito. Eu disse a ele que ser autista é normal”, contou.



Tiago Abreu

@otiagoabreu_
@otiagoabreu

Jornalista, mestre e doutorando em comunicação e autor do livro “O que é neurodiversidade?”.

Ela também relembra que, na infância, tinha crises de autoagressão, mas que descobrir seu próprio autismo transformou sua vida. “Hoje, eu tenho orgulho de ser quem sou, pelo meu pertencimento, por entender minha essência humana, e tento passar isso para meu filho. O autismo me reconectou com meu eu e me trouxe propósito de vida. Hoje, meu propósito é atuar no movimento, ajudando famílias a viverem de forma mais leve, sem culpa e sem julgamento”, concluiu.



Integrantes do MOAB no Dia do Orgulho Autista de 2005.



Fotos: Acervo pessoal / Movimento Orgulho Autista Brasil

Entrega de panfletos no Dia do Orgulho Autista de 2005, na BR-040.





CDC aponta: 1 em 31

Prevalência de autismo
nos EUA aumenta nova-
mente; Brasil pode ter 6,9
milhões de autistas

Texto por **Francisco Paiva Jr.**
editor-chefe da Revista Autismo

Ilustração
Revista Autismo



ais uma vez, os números cresceram.

A prevalência do transtorno do espectro do autismo (TEA) nos Estados Unidos é agora de 1 em cada 31 crianças de 8 anos (3,22% da população), segundo o mais recente relatório bianual divulgado pelo CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA). O estudo científico, divulgado oficialmente com data de

17.abr.2025, analisou dados de crianças nascidas em 2014, abrangendo 16 regiões dos Estados Unidos (cinco a mais que nos anos anteriores), e apresentou uma prevalência superior à do estudo anterior, de 2023, que havia indicado 1 em cada 36 crianças (2,78%). Vale destacar ainda que “prevalência” não significa necessariamente que houve mais casos novos de TEA, mas sim que mais pessoas foram identificadas e diagnosticadas.

Com a nova prevalência, uma projeção equivalente para o Brasil indica que o país poderia ter atualmente cerca de 6,9 milhões de pessoas autistas, considerando a população brasileira atual estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 212,6 milhões de habitantes. No Brasil, pela primeira vez, o IBGE divulgou no mês passado o número de diagnósticos de autismo no país (leia a reportagem nesta edição), com 1 autista em cada 38 crianças de 5 a 9 anos

Homens x Mulheres

A relação entre o número de homens e mulheres com diagnóstico de autismo continua diminuindo. Neste estudo, o CDC apontou uma proporção de aproximadamente 3,4 homens para cada mulher diagnosticada com TEA, em comparação à proporção anterior de 3,8 para 1, indicando um avanço importante na identificação do autismo entre meninas, historicamente subdiagnosticadas.

Grupos étnicos

Outro destaque relevante do estudo foi a prevalência entre diferentes grupos étnicos. As prevalências registradas foram: asiáticos (3,82%), negros (3,66%), hispânicos (3,30%) e brancos (2,77%). O fato de pessoas brancas agora apresentarem uma prevalência menor não invalida a relação entre acesso e diagnóstico, mas reflete que

3,22%
é a prevalência de autismo nos EUA indicada pelo estudo do CDC.

3,4
meninos para cada menina é a proporção entre gêneros

6,9 milhões
de pessoas autistas no Brasil é a projeção estimada usando números do estudo do CDC (EUA).

a curva de diagnóstico precoce já se estabilizou para esse grupo, enquanto outras populações ainda estão numa curva ascendente.

Segundo especialistas, o aumento constante na prevalência reflete especialmente o maior acesso à saúde e à informação sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA). Um forte indício disso é que o crescimento nos diagnósticos tem ocorrido majoritariamente entre as populações negra e hispânica nos EUA. O CDC atribui, por exemplo, a alta prevalência na Califórnia (5,31%) a “uma política pública local, com centenas de pediatras treinados para triagem e encaminhamento precoce”. Outro fator relevante apontado no estudo é o acesso à cobertura de saúde para terapias voltadas a crianças autistas, como ocorre no estado da Pensilvânia, que tem políticas públicas específicas para tal.

'Autismo de 20 anos atrás' continua em 1%

Para o neurocientista brasileiro Alysson R. Muotri, professor na Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), o novo número merece atenção especial. “Esse número dá uma falsa impressão de que o autismo é muito presente. É uma consequência da expansão que vimos nos últimos anos [após o DSM-5, em 2013, por exemplo]. O autismo (como conhecíamos antes, há 20 ou 30 anos) continua sendo por volta de 1% da população. Os autistas profundos, os primeiros que foram diagnosticados, na primeira definição de autismo, que têm uma dependência muito grande no dia a dia, continuam sendo tão prevalentes como antes. O autismo, por si, agora é um guarda-chuva de

diversas síndromes raras. A expansão do diagnóstico inclui outros casos mais leves de autismo, de indivíduos mais independentes, o que não condiz com a realidade clínica. Além disso, o que foi positivo no começo, com a expansão do diagnóstico, pesa ao contrário agora, fazendo o autismo parecer algo mais comum e, para alguns governos, pode ser considerado uma condição de saúde com menos importância, que não deveria ser investigada, prejudicando mais aqueles casos mais graves, que têm uma necessidade maior e mais emergencial", afirmou o Dr. Muotri, que também é cofundador da *health tech* Tismoo, no Brasil.

Para este estudo do CDC, a criança é considerada autista se atender aos critérios da CID-9 e CID-10, mesmo que não tenha diagnóstico oficial registrado. Vale considerar que, na prática, os médicos podem usar os critérios do DSM-5 (quinta e última versão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais), da Associação Americana de Psiquiatria, porém, oficialmente, diante da metodologia "assinam o laudo" indicando a CID-9 ou CID-10, conforme explicou Lucelmo Lacerda, doutor em educação pela PUC-SP com pós-doutoramento no Departamento de Psicologia da UFSCar.

Declarações e controvérsias

O secretário de Saúde dos Estados Unidos, Robert F. Kennedy Jr., chamou os novos números de "epidemia de autismo" e afirmou que a condição atinge hoje "uma escala sem precedentes na história humana". Em nota divulgada pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos (HHS), Kennedy declarou: "Um em cada 31 americanos nascidos em 2014 está incapacitado pelo autismo. Isso é quase cinco vezes mais do

1 em cada 31

crianças de 8 anos (3,22%) tem TEA



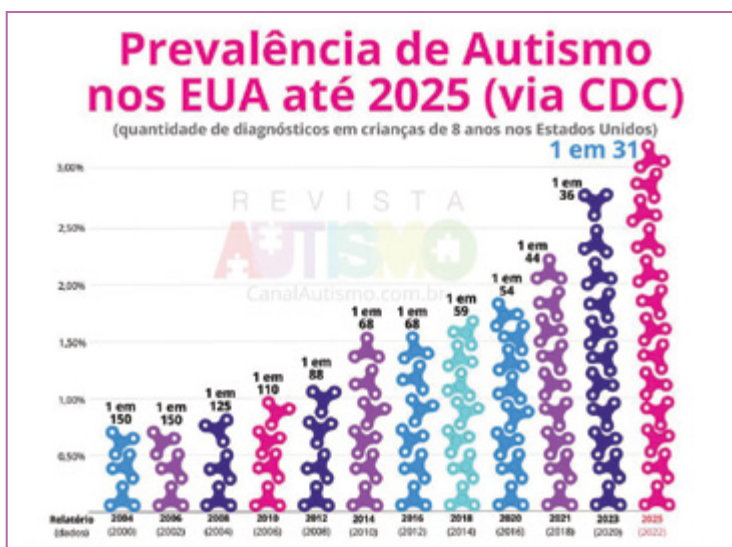
39,6%

das crianças autistas têm deficiência intelectual (QI abaixo de 70) nos EUA.

que quando o CDC começou a fazer esse levantamento, em crianças nascidas em 1992". Segundo ele, a missão do governo agora é identificar as causas do que classificou como uma "epidemia de doenças crônicas da infância" — e estabeleceu um prazo até setembro deste ano (2025) para obter essa resposta.

As declarações de Kennedy Jr., no entanto, são recebidas com cautela por especialistas. Ele é conhecido por declarações controversas sobre saúde pública, especialmente sobre vacinas e autismo — vínculo que já foi amplamente desmentido pela ciência. O uso do termo "epidemia" para se referir ao autismo também é considerado inadequado pela comunidade científica, que aponta que o aumento da prevalência está fortemente relacionado à ampliação dos critérios diagnósticos, maior conscientização e melhor acesso a serviços de saúde.

Mais informações e dados completos podem ser obtidos no estudo oficial do CDC, na versão online desta reportagem. A seguir, veja o gráfico comparando a prevalência dos estudos anteriores, desde o primeiro, no ano 2000 (divulgado em 2004).



Prevalência de Autismo nos EUA, de 2004 a 2025, segundo o CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças do governo dos EUA) — Arte: Revista Autismo / Canal Autismo[caption]



NA ATUALIDADE

14, 15 e 16 DE NOVEMBRO DE 2025
EM BELO HORIZONTE

O Projeto "Montando Um Time", com apoio do Integrar TEA e do IHCA – Instituto de Habilidades da Criança Autista, promove o maior evento sobre autismo de Minas Gerais.

O Montando Um Time é um projeto de impacto social idealizado por Florence Assis, médica, e Gustavo Lavorato, procurador do Estado do RS. Pais de cinco filhos, sendo dois diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o casal transformou suas vivências familiares e a necessidade de acolhimento em ação. Assim nasceu um movimento que leva informação qualificada, empatia e luta por inclusão a outras famílias, profissionais e à sociedade como um todo.

O projeto, que começou como um perfil nas redes sociais, cresceu e se consolidou como referência em conteúdo, eventos e formação sobre neurodiversidade. Já foram realizados três simpósios de grande repercussão nacional, reunindo especialistas renomados, famílias atípicas e profissionais da área. A última edição contou com 77 palestrantes de 20 estados e marcou um capítulo histórico na luta pela inclusão em Minas Gerais.

Diante da relevância e do alcance da terceira edição, o evento agora evolui e ganha um novo nome: **1º Congresso Mineiro de TEA na Atualidade**. Esta será a maior edição já realizada no estado, reunindo especialistas de diversas áreas, famílias e pessoas autistas para debater avanços, desafios e caminhos possíveis rumo a uma sociedade mais acessível, informada e humana.

Veja alguns dos palestrantes que estarão conosco: **Dr. Walter Camargos, Dr. Marcelo Masruha, Dr. Hélio Van Der Linden, Dr. Júlio Santos, Dr. Saulo Serrano, Francisco Paiva Jr., Natasha Ganem, Christianne Cardoso, Araíza Fereguette, Ernane Alves, Raquel Ribeiro Soares**, entre outros.

Informações sobre ingressos e programação estarão disponíveis nas redes sociais do **@montandoumtime** e **@congressomineirodetea**, e nos sites **montandoumtime.com.br** e **congressomineirodetea.com.br**

Contato: **congressomineirodetea@gmail.com**

REALIZAÇÃO:



MONTANDO
UM TIME

APOIO:





Brasil conhece, pela 1ª vez, seu número oficial de diagnósticos de autismo: 1 em 38

Texto por **Francisco Paiva Jr.**
editor-chefe da Revista Autismo

Ilustração
Revista Autismo

Entre todas as faixas etárias, **2,4 milhões** de brasileiros têm diagnóstico de TEA



ela primeira vez na história, o Brasil tem um dado oficial sobre o número de pessoas com diagnóstico de autismo. Segundo os resultados preliminares da amostra do Censo Demográfico 2022, divulgados no dia 23.mai.2025 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2,4 milhões de brasileiros declararam ter recebido diagnóstico de transtorno do espectro do autismo (TEA) por algum profissional de saúde. O número representa 1,2% da população residente no país com 2 anos de idade ou mais. A prevalência do diagnóstico de autismo foi maior entre os homens (1,5%) do

2,6%

das crianças
brasileiras entre
5 e 9 anos têm
diagnóstico
de TEA,
segundo o
IBGE.

**2,4
milhões**

é o número de
diagnósticos
de TEA no Brasil
entre todas
as idades.

que entre as mulheres (0,9%), seguindo a tendência já observada em estudos internacionais — uma proporção de 1,4 homens para 1 mulher. O dado mais expressivo, no entanto, aparece na faixa etária entre 5 e 9 anos: 2,6% das crianças brasileiras nessa idade foram identificadas com TEA, o que equivale a 1 em cada 38 crianças. Nesse grupo, a diferença entre os sexos também é significativa: entre os meninos, a taxa é de 3,8% (264 mil), enquanto entre as meninas é de 1,3% (86 mil) — 3,1 para 1.

Para a médica psiquiatra Dra. Rosa Magaly Moraes, “ter esses dados oficiais coloca o Brasil junto a outros países como Estados Unidos, Coreia, Austrália que, independente de que continente a gente esteja falando, traz consistência para a prevalência dentro de uma mesma média, dentro de um mesmo intervalo em relação ao TEA”, disse ela, com exclusividade à **Revista Autismo**. É imprescindível destacar que os dados são autodeclarados, ou seja, um agente do IBGE perguntou e uma pessoa da família respondeu sobre ter alguém naquela casa que recebeu um diagnóstico de autismo feito por um profissional de saúde. Não foi exigido laudo, nem investigado esse diagnóstico. Outro ponto bem importante é destacarmos que ainda há muitos autistas sem diagnóstico, portanto o número do IBGE não contempla a quantidade de autistas no país e sim o total de diagnósticos de TEA. A maior quantidade de diagnósticos por faixa etária (de 5 a 9 anos) dá uma importante pista sobre a quantidade total de autistas no país, considerando que essas pessoas nasceram autistas e serão autistas ao longo da vida, portanto, por essa lógica, seria possível dizer que o Brasil pode ter mais de 5,5 milhões de autistas (1 em 38), sem considerar os diagnósticos tardios, ainda não mapeados por aqui — foram 359,9 mil diagnósticos entre o total de 13,6

milhões de crianças de 5 a 9 anos.

“Esses dados trazem uma base sólida para justificar políticas públicas específicas para o TEA, além de dados que fazem com que a gente pense em subgrupos ligados, por exemplo, ao gênero e alocação de recursos para pesquisa que visem investigar, não só a etiologia, a identificação, mas a melhor forma de intervenção dentro de um contexto comunitário e de saúde pública”, argumentou Moraes, que é especialista em psiquiatria da infância e adolescência. Quanto aos desafios do diagnóstico de autismo no Brasil, Dra. Rosa Magaly é contundente: “A primeira barreira é a falta de conhecimento, ainda, e a falta de treinamento especializado em muitos profissionais de saúde e educação, que carecem de uma capacitação sobre o tema, para identificar não só os sinais e sintomas de TEA, principalmente naquelas populações que nem sempre são bem caracterizadas dentro dos manuais de diagnóstico, como crianças muito pequenas, mulheres ou pessoas que têm uma inteligência preservada ou acima da média, ou mesmo quando a gente está falando aí da “adulterez” ou de pessoas mais velhas, mas, independente disso, também que sejam capazes de identificar o que não é autismo”, disse a médica.

Comparação com dados dos EUA

Ao comparar esses dados com os últimos números divulgados pelo CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças do governo dos EUA), em 17.abr.2025, observa-se que o Brasil apresenta um índice semelhante — deve-se considerar, porém, a grande diferença de metodologia entre eles. O estudo norte-americano indicou que 1 em cada 31 crianças

de 8 anos nos Estados Unidos está dentro do espectro do autismo, o que corresponde a uma prevalência de 3,2%. Embora o número brasileiro esteja levemente abaixo, a proximidade entre os percentuais reforça a importância de acesso à saúde para a identificação precoce e o diagnóstico clínico criterioso. Na relação entre gêneros, o CDC (em crianças de 8 anos) aponta para 3,4 homens para cada mulher; o IBGE, na faixa etária mais próxima (5 a 9 anos), mostra uma relação muito próxima, de 3,1 para 1.

Outro dado que chama a atenção no levantamento brasileiro é o nível de escolaridade das pessoas diagnosticadas com autismo. Quase metade (46,1%) dessa população está no grupo sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto. Ainda assim, a taxa de escolarização das pessoas com TEA com 6 anos ou mais (36,9%) é superior à da população geral (24,3%), o que pode indicar maior concentração de diagnósticos em faixas etárias mais jovens, com acesso mais recente à educação inclusiva.

No recorte por etnias, vemos no Brasil um percentual maior de diagnóstico entre brancos (1,3%) sugerindo o mesmo que já se viu nos estudos passados do CDC, nos EUA: diagnóstico maior nas populações com maior acesso à saúde. Negros (1,1%) e indígenas (0,9%), sabidamente no Brasil com menos acesso à saúde, apresentam, segundo o IBGE, os menores percentuais de diagnóstico de autismo. “De certa forma [isso] dá espaço para fazermos uma inferência de que a dificuldade de acesso é que diminui o diagnóstico, porque nada diz que, por exemplo, pretos e pardos têm menos TEA do que a população branca em geral, principalmente no Brasil, um país miscigenado como a gente é, do ponto de vista genético”, explicou a Dra. Rosa Magaly Moraes, que é voluntária do Programa de Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (HC-FMUSP).

Autistas nas escolas brasileiras

Entre os estudantes autistas, a maioria (66,8%) está matriculada no ensino fundamental regular, totalizando mais de 508 mil alunos. Já o total de estudantes com diagnóstico de autismo (com 6 anos ou mais) alcança 760,8 mil. Esses números são fundamentais para o planejamento de políticas públicas em áreas como educação, saúde e inclusão social. A expectativa, agora, é que os dados sirvam de base para avanços estruturantes em atendimento e suporte às pessoas com diagnóstico de autismo e suas famílias em todo o país.

Além dos dados sobre o autismo, o IBGE também divulgou informações relevantes sobre a população com deficiência de um modo geral. Em 2022, o Brasil tinha 14,4 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que equivale a 7,3% da população com 2 anos ou mais. Os dados mostram que a prevalência aumenta com a idade, alcançando 27,5% entre os idosos com 70 anos ou mais. A taxa de analfabetismo entre pessoas com deficiência foi de 21,3% e apenas 7,4% desse grupo concluiu o ensino superior.

Autismo no Censo

Entre todas as faixas etárias, a prevalência de diagnóstico de autismo foi maior entre os mais jovens: 2,1% no grupo de 0 e 4 anos de idade, 2,6% entre 5 e 9 anos, 1,9% entre 10 e 14 anos e 1,3% entre 15 a 19 anos. Esses percentuais representam, ao todo, 1,1 milhão de pessoas de 0 a 19 anos com autismo. Nos demais grupos etários, os percentuais oscilaram entre 0,8% e 1,0%. Em relação ao gênero, a prevalência de TEA foi maior entre os homens em todos os grupos

**508mil
alunos**

autistas estão
no ensino
fundamental
regular.

46,1%

dos autistas
estão no grupo
sem instrução
ou com ensino
fundamental
incompleto.



Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com

Ensine seu filho(a) ou
aluno(a) as habilidades
necessárias para comunicar
funcionalmente

etários até 44 anos. Entre 45 e 49, 55 e 59 e 70 anos ou mais, os percentuais foram equivalentes entre os sexos de nascimento. Já nos grupos de 50 a 54 e 60 a 69 anos, as mulheres apresentaram prevalências ligeiramente superiores às dos homens, com diferença de 0,1 ponto percentual.

Vale lembrar que a inclusão do autismo no Censo foi uma luta de muitos anos, com a participação de diversos autistas e famílias, que culminou na ida do ator, pai de autista e apresentador Marcos Mion a Brasília para a sanção da Lei 13.861, que obrigou a inclusão da pergunta no Censo, em julho de 2019. “Depois de quatro horas de reunião e muita discussão para todos os lados, a comunidade autista foi ouvida, respeitada e contemplada”, disse Mion à época. O Censo usou dois tipos de formulários, a questão sobre autismo foi incluída no Questionário de Amostra, que é mais detalhado e utilizado numa parcela menor da população (11%). A pergunta — de número 17 do formulário — foi a seguinte: “Já foi diagnosticado(a) com autismo por algum profissional de saúde?”, tendo sim ou não como resposta.

Para ver o estudo completo do IBGE, com todos os recortes demográficos e metodológicos, acesse a versão online desta reportagem no CanalAutismo.com.br ou leia o QR-code na página do índice desta edição. 🌸

3,1
meninos

para cada menina
é a relação entre
gêneros em crianças
autistas de
5 a 9 anos.

2,1 %

foi a prevalência
entre crianças
de 0 a 4 anos
(1 em cada 48).



PECS Nível 1, PECS Nível 2,
Certificação Implementador
PECS, Habilidades de
Comunicação Críticas e
ABA Funcional



PYRAMID
EDUCATIONAL
CONSULTANTS

Pyramid Consultoria
Educativa do Brasil Ltda
Avenida Afonso Pena, 3924, Sala 310
Belo Horizonte, Minas Gerais



Inclusão possível



Texto por Sophia Mendonça

Ilustração
Fer Barbi Brock

Um time de futsal só de autistas



projeto Futsal ONG Caine, sediado em Pernambuco, é um exemplo de como o esporte pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão e o desenvolvimento de jovens autistas. Liderado pelo técnico Diogo Arcanjo, o time de futsal é composto exclusivamente por jogadores autistas. Com isso, oferece um espaço onde eles podem superar desafios, construir autoestima e

socializar. A iniciativa, pioneira no Brasil, surgiu em 2019 como fruto da paixão de Diogo pelo futsal e do desejo de criar um ambiente inclusivo para pessoas com deficiência. Desde então, o time participa de campeonatos e festivais em espaços como quadras e universidades federais.

O sucesso do projeto, que conta com meninos e meninas de nível 1 e 2 de suporte, é resultado do trabalho dedicado de Diogo e do apoio fundamental das famílias dos atletas. O técnico destaca a importância do envolvimento dos pais e da comunidade para garantir que os jovens autistas tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial no esporte. “Ir a lugares que eles nunca frequentaram traz uma emoção muito grande, às vezes até para a família, porque a família é sempre a base, né? Então, eu sempre falei assim: ‘se vocês não levarem seus filhos, quem vai perder a oportunidade são eles. Vocês são peça chave. Vocês têm que acreditar nos seus filhos e acreditar que eles podem jogar melhor’. E eu faço o meu papel, eu cobro de verdade. Quando está no jogo eu grito mesmo porque a gente está jogando, é sério”, explica Diogo.

Dessa forma, a iniciativa mostra que, com apoio e oportunidades adequadas, jovens autistas podem alcançar grandes conquistas no esporte e na vida. “Eles têm sonhos e estão felizes”, relata a avó de dois jogadores.

Esportes e autismo

A ONG Caine, que mantém o time, acredita no poder do esporte para promover a inclusão e a igualdade. Os benefícios da prática esportiva para pessoas autistas são diversos e impactam diferentes áreas do desenvolvimento. No âmbito social, esportes em equipe ou individuais, com a presença de um instrutor, podem facilitar a interação, a comunicação e o aprendizado de habilidades sociais importantes, como cooperação e respeito às regras. Além disso, a celebração de conquistas, mesmo que

pequenas, fortalece a autoestima e a confiança.

A prática regular de atividades físicas também contribui para o aprimoramento da coordenação motora, do equilíbrio e da consciência corporal. Esportes como natação, atletismo e artes marciais, com seus movimentos sequenciais e focados, podem ser particularmente benéficos para o desenvolvimento dessas habilidades. Além disso, o esporte oferece uma importante via de escape para o estresse e a ansiedade. Isso porque a liberação de endorfinas durante o exercício promove uma sensação de bem-estar e relaxamento, auxiliando na regulação emocional.



Sophia Mendonça

📷 omundoautista.uai.com.br

é jornalista, doutoranda e uma das criadoras do canal Mundo Autista, no YouTube, tendo editado o livro “Neurodivergentes - Autismo na Contemporaneidade”.

Futsal e Neurodiversidade

Entretanto, é crucial reconhecer a diversidade dentro do espectro autista. As preferências e habilidades esportivas variam amplamente de indivíduo para indivíduo. Enquanto alguns podem se destacar em esportes individuais que exigem foco e precisão, como a natação ou o tênis, outros podem encontrar alegria e desenvolvimento em atividades em grupo, com o devido suporte às suas necessidades.

O futsal, porém, é conhecido por melhorar a coordenação, o trabalho em equipe e a autoestima. Por isso, tornou-se uma ferramenta de transformação para os jovens, que muitas vezes encontram barreiras na participação de atividades esportivas tradicionais. No programa, cada criança recebe apoio personalizado para desenvolver habilidades motoras, sociais e emocionais em um ambiente seguro e adaptado às suas necessidades. Alguns dos

treinos envolvem correr, driblar, pular corda e fazer embaixadinhas.

O projeto, portanto, visa não apenas oferecer uma atividade esportiva, mas criar um espaço onde todos possam se sentir valorizados e incluídos, o que independe das habilidades individuais. O time conta com jogadores que, além do autismo, apresentam condições como TDAH e deficiência intelectual.

A mãe de um dos jovens comemora: “Ele evoluiu muito desde que entrou no futsal. Antes ele tinha dificuldade de comunicação com as crianças. Hoje ele está bem desenvolvido”. Para Diogo Arcanjo, a interação entre os garotos é similar ao que acontece em qualquer outro time de futebol, com diálogos sobre o cotidiano deles.

A Azul Cargo leva seu produto a mais de 47 países, com:



Parcerias internacionais



Frota sustentável



Integração com e-commerce



Descubra nossas soluções logísticas

Azul cargo
Express

Resultados e Transformações

Falando em resultados, Diogo reflete que, embora eles nunca tenham ganhado, a vitória vai muito além do placar. “Existem condições de habilidades que a gente vai ganhando muito, dependendo do ponto de referência que a gente tem. Então, um ponto de referência de uma pessoa com 10 anos do nosso time é diferente do de uma criança neuroatípica com 10 anos. Isso faz com que a gente tenha um jogo mais desequilibrado. Porém, quando as pessoas do outro time observam isso e trazem a ferramenta esportiva como inclusão, aí o jogo fica muito mais bonito”, pondera o profissional.

Diogo reforça, no entanto, que perder não é uma maneira de humilhação. “A gente faz o trabalho. Por exemplo, em um jogo de sub 15 (até 15 anos), a gente perdeu um campeonato de um jogo de 10 a 2. Mas, quando o jogo acabou e o juiz e o árbitro apitaram, um dos nossos atletas comemorou. Ele só viu os gols que eles fizeram. Então, veja a capacidade cognitiva e a percepção amorosa que eles têm ali dentro do jogo”, comenta o técnico. Dessa forma, estar em competição leva os jogadores a trabalhar aspectos da comunicação, coordenação motora, socialização, exposição à frustração e regras.

A transformação nos atletas ao longo do tempo é notável. Diogo Arcanjo relata casos de jogadores que superaram dificuldades motoras, aprenderam a amarrar os cadarços e melhoraram sua interação com os colegas. “Às vezes você pega uma criança com autismo, coloca para fazer a inclusão em um time e a criança não toca a bola. Não existe aquele acolhimento com aquela criança. Então, ela não vai desenvolver uma habilidade se não tem a bola, se não tem o objeto do jogo. No nosso

time, todo mundo toca a bola, todo mundo vai fazer a jogada. Se errou, todo mundo repete, vamos fazer de novo. E assim a gente vai desenvolvendo, logicamente respeitando a individualidade de cada um. Mas existe uma evolução e existe a possibilidade de todos praticarem”, detalha Diogo. Assim, o esporte se torna um espaço de aprendizado e crescimento pessoal, onde os jovens autistas podem se sentir valorizados e pertencentes. O time fica sediado no bairro de Candeias, na cidade de Jaboatão dos Guararapes (PE), e seu perfil no Instagram é @futsal.ongcaine..

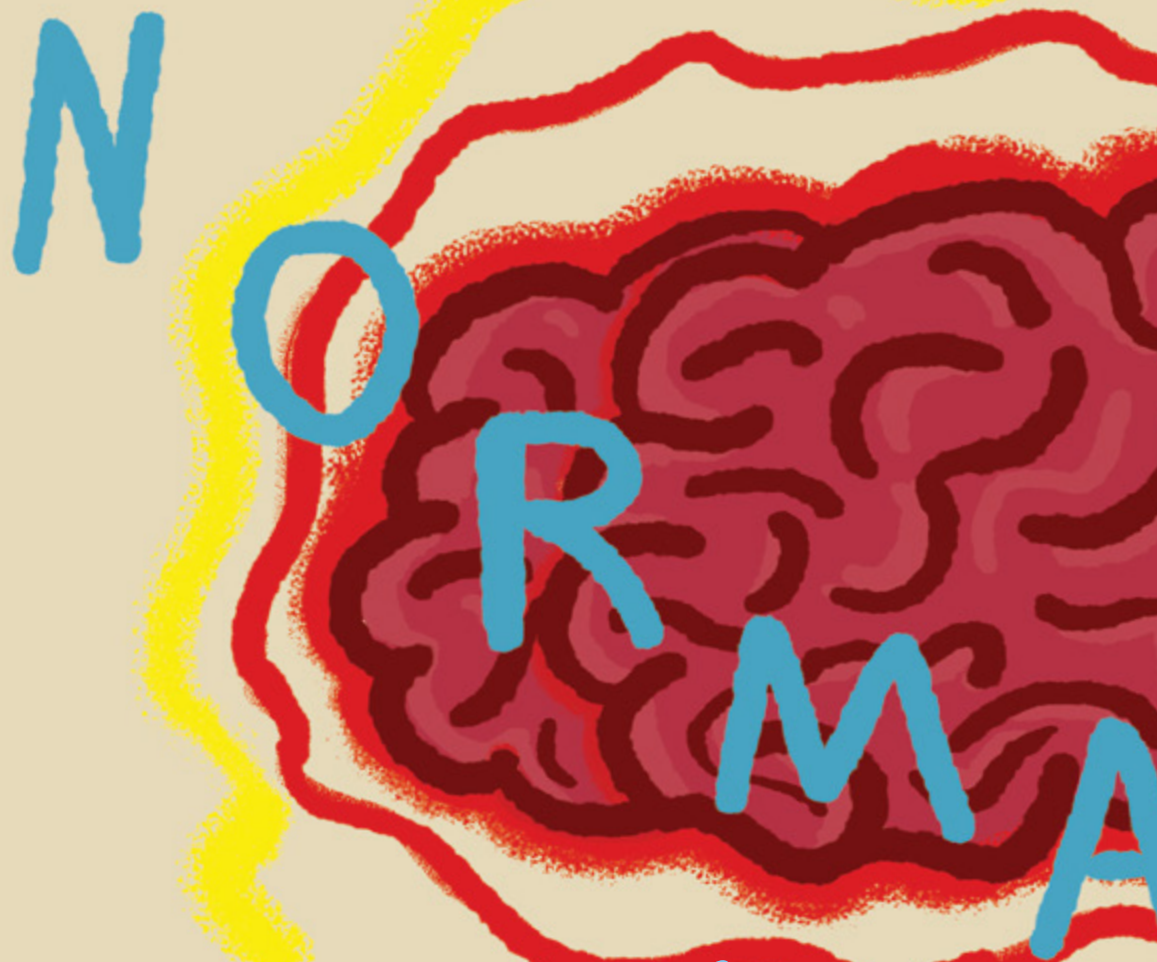
2019

foi o começo dessa iniciativa pioneira no Brasil: um time de futsal 100% neurodivergente.





O mito do 'gênio incompreendido':



Texto por Fatima de Kwant

Ilustração
Leticia Gomes

romantização do autismo

A imagem do autista genial apaga realidades e dificulta o acesso a apoios adequados



Fátima de kwan

✉ autimates@gmail.com

🌐 www.autimates.com

📱 @Autimates

📷 @fatimadekwan

especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo.



pesar dos avanços em inclusão e diversidade, o desconhecimento sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA) ainda é comum na sociedade. Pessoas autistas e suas famílias enfrentam diariamente o impacto desse desconhecimento na luta por direitos e por uma participação mais equitativa na vida social e profissional.

Entre os principais obstáculos está a persistência do mito do “gênio incompreendido” — uma visão romantizada do autismo frequentemente reforçada por filmes e séries que associam a condição a habilidades extraordinárias, acompanhadas de sofrimento emocional ou dificuldades de socialização.

Produções como *Atypical*, *Uma Advogada*

Extraordinária e O Contador reforçam a ideia de que pessoas autistas são altamente inteligentes e bem-sucedidas, apesar de socialmente deslocadas. Embora representações assim possam gerar empatia, elas também distorcem a realidade da maioria dos autistas, contribuindo para expectativas irreais e apagamento da diversidade dentro do espectro.

A noção de genialidade associada ao autismo é prejudicial. Ao focar em casos extraordinários, ignora-se a ampla gama de perfis existentes no TEA, dificultando o avanço de políticas públicas inclusivas. Dados da ONU (Organização das Nações Unidas) estimam que apenas 20% das pessoas autistas estão empregadas no mundo.

Pessoas comuns, mentes divergentes

Nos últimos dez anos, tem crescido significativamente o número de pessoas autistas que utilizam as redes sociais para compartilhar experiências e sensibilizar a sociedade sobre a importância da empatia e da inclusão. Por meio de relatos pessoais, esses indivíduos buscam desmistificar o autismo, especialmente em seus aspectos menos visíveis.

Muitos relatam os desafios enfrentados em diversos contextos sociais — da escola ao ambiente de trabalho — e ressaltam a importância do diagnóstico, ainda que tardio. Entre os relatos mais recorrentes, está o de autistas que só descobriram o transtorno na vida adulta e, a partir dessa vivência, fazem alertas

A frase 'ele não parece autista' revela o quanto ainda se desconhece o espectro.

importantes às famílias de crianças autistas: é preciso estar atento às limitações que não se enquadram no estereótipo clássico do autismo.

A frase “ele não parece autista” ainda é frequentemente ouvida por pais, mães e pelos próprios autistas, refletindo uma compreensão limitada sobre a diversidade dentro do espectro. Especialistas alertam que, no caso de pessoas classificadas no nível 1 de suporte — geralmente associadas a um maior grau de autonomia — a inteligência e habilidades desenvolvidas muitas vezes mascaram dificuldades internas profundas.

Ansiedade, depressão e crises de sobrecarga emocional são comuns entre esses indivíduos, embora frequentemente invisíveis para o olhar social. A romantização do autismo — especialmente em perfis de alto funcionamento — pode contribuir para o apagamento dessas realidades e dificultar o acesso a apoios adequados.

O aumento da visibilidade de vozes autistas, no entanto, tem promovido mudanças importantes no debate público, estimulando um olhar mais atento, humano e plural sobre a neurodiversidade.

Autistas são pessoas comuns com mentes divergentes. Embora compartilhem o diagnóstico, diferem em capacidades cognitivas, características pessoais e comorbidades. Nem todos são gênios, tampouco todos enfrentam severas limitações. Compreender a neurodiversidade é essencial para combater o capacitismo e promover uma sociedade verdadeiramente inclusiva.



nos últimos
10 anos

cresceu o número de autistas que compartilham experiências e sensibilizam a sociedade nas redes sociais.



invisíveis

para o olhar social, ansiedade, depressão e crises de sobrecarga emocional são comuns entre autistas.

C · A · N · A · L AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do Canal Autismo, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site **CanalAutismo.com.br** ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.



Dr. Alysson Muotri, no Jornal Nacional (Globo).

✕ Muotri é destaque no Jornal Nacional e no Fantástico com minicérebros e drones para estudar o autismo

O neurocientista brasileiro Alysson Muotri, pesquisador da Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), foi destaque em uma reportagem exibida em 08.mar.2025 no Jornal Nacional (JN), programa jornalístico de maior audiência do país, e, em 16.maio.2025, foi mencionado no Fantástico (ambos da Globo). Ele lidera um projeto inovador que desenvolve minicérebros humanos em laboratório, criados a partir de

células da pele de crianças autistas, incluindo seu próprio filho, Ivan, que tem um autismo classificado como nível 3 de suporte (o de maior impacto na autonomia). O objetivo é compreender melhor o transtorno do espectro do autismo (TEA) e outras condições neurológicas. "Eu quero realmente ajudar essas famílias a terem uma qualidade de vida melhor", enfatizou ele ao jornalista Felipe Santana, no JN.

✕ Livro digital gratuito auxilia na transição de autistas para a vida adulta



(imagem feita por IA)

Capa do livro digital gratuito "Meu Filho Cresceu, e agora?", de Luana Passos.

Em abril, foi lançado o ebook "Meu filho cresceu, e agora?", um guia completo destinado a auxiliar pais, familiares e profissionais durante o importante processo de transição das crianças com autismo para a adolescência e vida adulta. A publicação foi escrita pela psicóloga Luana Passos, especialista em Neuropsicologia, Neurociências e Análise Aplicada do Comportamento (ABA), com experiência de

mais de 20 anos em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sócia da clínica Somar Special Care e Neuro Somar, de Recife (PE). As ilustrações ficaram por conta da designer gráfica Taja Passos. O livro é gratuito e pode ser baixado no link contido na versão online desta notícia.

✕ Introvertendo retorna com nova formação e estreia no Dia do Orgulho Autista

Se há um podcast que conseguiu marcar a comunidade autista brasileira nos últimos anos, esse é o Introvertendo. Criado em 2018, o programa produzido e apresentado exclusivamente por pessoas autistas se tornou uma referência não apenas pela representatividade, mas também pela qualidade dos debates. Depois de um encerramento cuidadosamente planejado em 2023, o projeto retorna agora com uma nova formação — e a mesma essência. A estreia oficial da nova fase será no dia 18.jun.2025, data simbólica: o Dia do Orgulho Autista. Na versão online desta notícia, temos o link para você assistir à entrevista em vídeo que esta **Revista Autismo** fez com alguns dos integrantes dessa nova fase do Introvertendo.



Reprodução / Introvertendo / Nicolas Melo

Da esquerda para a direita: Gustavo Borges, Brendaly Januário, João Victor Ramos, Tiago Abreu, Marx Osório, Bruno Frederico Müller, Izabella Pavetits e Maysa Antunes.



Fantástico lança quadro com entrevistadores autistas e estreia com Vera Fischer

No último domingo de abril, mês de conscientização do autismo, o programa Fantástico, da Rede Globo, lançou o quadro "Pode Perguntar", em que personalidades renomadas são entrevistadas por profissionais autistas. A estreia trouxe uma entrevista sincera e emotiva com a atriz Vera Fischer, que falou sobre sua infância, seu relacionamento com o pai, a trajetória artística na Boca do Lixo durante a ditadura militar, sua imagem de símbolo sexual, seu casamento com o ator Felipe Camargo e a superação do uso de drogas. O quadro foi originalmente criado pela

emissora pública de TV francesa, a France Télévisions, e já foi adotado em mais de dez países. O programa original chama-se "Les rencontres du papotin", apresentando entrevistas com diversas celebridades — inclusive o atual presidente francês, Emmanuel Macron — e foi inspirado na revista francesa "Papotin", famosa por suas entrevistas surpreendentes, todas feitas por profissionais autistas. No segundo episódio (será um por mês), em maio, o entrevistado foi o ator e cantor Seu Jorge. Em junho, deve ser o ator Fábio Assunção.

Reprodução/ Globoplay



Primeiro episódio do quadro "Pode Perguntar", no Fantástico, em 27.abr.2025.

Conectamos empresas, entregamos confiança!

Com mais de 60 anos de experiência, a Jamef oferece soluções personalizadas em transporte rodoviário e aéreo por todo o Brasil, com agilidade, segurança e eficiência.



Acesse nosso site.



Leve sua empresa ainda mais longe com a Jamef.



Respeitem nossos corpos autistas

Desconfortos autistas não são exagero — são respostas legítimas de corpos que ainda não são compreendidos

Texto por Cindy Dalfovo

Ilustração
Camila Ali Chair



N

“Não está tão frio”, “você está sendo exagerado” e “isso é frescura” são apenas algumas das frases dolorosamente comuns e familiares para boa parte das pessoas autistas. Tais frases podem ser ditas por familiares, colegas da escola e do trabalho, professores, terapeutas e quaisquer pessoas que nos ouçam expressar desconforto com alguma situação e geram marcas em quem nós somos. Tanto ouvimos que somos exagerados, frescos e mimados que acabamos acreditando que isso é verdade. E quando não são os outros tentando nos “consertar”, somos nós que buscamos uma forma de sermos menos estranhos, menos exagerados, e nos colocamos em situações cada vez mais dolorosas enquanto tentamos mudar quem nós somos.

O diagnóstico tardio pode trazer novas possibilidades de interpretação de sua história de vida que permitem afastar-se de um sentimento de culpa e de fracasso pessoal por não conseguir ser como os outros e passar a perdoar-se, compreendendo que não é um defeito ou uma falha ter uma forma diferente de ser, de agir e de estar no mundo. Enfatizo aqui



que essa é uma possibilidade, não uma certeza; infelizmente, o diagnóstico tardio torna-se, para muitos, um novo momento de traumas e violências. Mas, esse momento pode contribuir para que a pessoa autista possa dizer que não, não é exagero, não é frescura, não é preguiça.

Quanto mais estudo sobre o autismo, mais tenho certeza de que precisamos dar um passo além nesse processo. Porque, nesse momento, é comum que a pessoa autista entenda que ela não é exagerada, mas que seu corpo é exagerado e tem reações desproporcionais ao ambiente. Passaram-se muitas décadas desde que o autismo foi clinicamente descrito e categorizado dentro dos manuais médicos até que as pessoas autistas pudessem falar por si mesmas sobre quem são e fossem ouvidas pela sociedade, mas

nossos corpos autistas ainda são compreendidos como no século passado: exagerados e de reações desproporcionais, porque a referência, o padrão a ser seguido continua a ser o corpo não autista. Há uma cisão em como compreendemos a mente e o corpo autistas, como se fossem entidades completamente distintas e separadas, mas a realidade é que a mente e o corpo formam um todo único, que não pode ser compreendido de forma isolada.

Assim, quando a criança autista se recusa a comer uma série de alimentos, buscam-se formas de levar essa criança a aceitar tantos alimentos quanto seus colegas não autistas, em processos que podem ser desde incrivelmente violentos e traumáticos até muito respeitosos e que busquem compreender a singularidade daquela criança. Mas, não se costuma questionar o que leva a essa recusa. É raro que se investiguem profundamente as questões gastrointestinais e alérgicas que são tão frequentes em pessoas autistas e mais raro ainda é que alguém faça a relação entre essas questões e a recusa alimentar. Daí o que falo sobre corpo e

**Incluir é amar.
Incluir é necessário.
E incluir é para todos.**

O mês de abril, foi marcado por ações de conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mais do que um mês de campanhas, abril veio para reforçar algo que deve ser parte do nosso cotidiano: a importância da inclusão real e do respeito às individualidades das pessoas com autismo.

Incluir não é apenas abrir espaço, é garantir pertencimento. É adaptar ambientes, escutar com atenção, acolher as diferenças e promover interações verdadeiras.

Na SOMAR, esse compromisso não tem data marcada: é diário. Trabalhamos para que cada passo no cuidado com o autismo seja também um passo rumo a uma sociedade mais empática, preparada e inclusiva.



UNIDADE PIEDADE: (81) 3465-3913 - Rua Coronel Waldemar Basgal, 344. Jaboatão dos Guararapes/PE
UNIDADE OLINDA: (81) 4100-1166 - Rua José Batista da Costa Azevedo, 37. Olinda/PE
UNIDADE BOA VIAGEM: (81) 3465-3913 - Rua Dona Benvidade de Farias, 465. Recife/PE
UNIDADE TORRE: (81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656 - Rua Marquês de Maricá, 48. Recife/PE
UNIDADE ABDIAS: Avenida Sport Club do Recife, Madalena. Recife/PE - 50720-625



mente constituírem um todo único: se há uma maior vulnerabilidade a elementos externos, é absolutamente coerente que se rejeite e tenha-se receio diante de alimentos e elementos desconhecidos, além de uma sensibilidade mais apurada em relação aos alimentos consumidos, porque torna-se primordial impedir ou ao menos reduzir a ingestão de alimentos que possam desencadear reações adversas. Todas essas possibilidades são desconsideradas porque se acredita que o “problema” da pessoa autista é que ela possui reações exageradas e aí não se cogitam questões que possam justificar essa sensibilidade exacerbada.

Acredito que é essencial pararmos de lutar contra os corpos autistas e passar a ouvi-los e compreendê-los, reconhecendo as limitações de nosso conhecimento – tanto individual quanto

de nossa sociedade – para aceitar que não conhecermos a causa de um determinado comportamento, de uma determinada reação, não significa que não exista uma causa, uma justificativa.



Cindy Dalfovo

📷 @cindyautista

é autista,
ativista e
mestre em
Educação.




Linha
SNC
Biosintética
Prescrição

**CUIDADO INTEGRAL
PARA UMA SAÚDE MENTAL
MAIS EQUILIBRADA**



Trabalho no Espectro

Equipes inclusivas: como a gestão ágil de projetos beneficia neurodivergentes

Texto por Leandro J. Silva

Ilustração
Revista Autismo





Leandro J. Silva

@specialisterne_br
Specialisterne-Brasil
SpecialisterneBrasil
specialisternebrasil.com

Gerente de operações e negócios na Specialisterne Brasil. Cientista de dados, possui MBA em gerenciamento de projetos, atualmente cursa MBA em Gestão de Vendas. Há 18 anos atua com ensino de Tecnologia da Informação, sendo 8 anos na formação de pessoas autistas.

Pode-se dizer que os métodos ágeis estão presentes em boa parte dos projetos, sejam eles da área de tecnologia ou de outros segmentos.

Um dos *frameworks* mais conhecidos é o Scrum, uma prática que ajuda a dividir os projetos mais complexos em ciclos mais curtos, otimizando o tempo das entregas, além de oferecer maior abertura para mudanças durante a execução das tarefas.

Tais características podem ser benéficas na gestão de tarefas para as pessoas neurodivergentes, uma vez que as atividades são estruturadas de forma objetiva e divididas em etapas que são entregues periodicamente e contam com *feedbacks* constantes por parte dos líderes, conhecidos no Scrum como product owners.

O Scrum promove uma comunicação transparente entre os membros da equipe. Isso pode beneficiar pessoas neurodivergentes que podem ter como um dos principais desafios a interpretação de informações implícitas ou apresentadas de maneira sutil. A comunicação direta e objetiva do Scrum pode ajudar a reduzir mal-entendidos e facilitar a colaboração.

Outro benefício na utilização da metodologia ágil é a promoção da igualdade e a colaboração entre todos os membros da equipe. Isso significa que as contribuições de pessoas neurodivergentes são valorizadas da mesma forma que as de outros membros. Isso pode criar

um ambiente inclusivo e encorajador, onde as habilidades e perspectivas únicas das pessoas neurodivergentes são reconhecidas e aproveitadas.

Lembrando que, quando falamos de neurodivergência, falamos de um amplo espectro de características, portanto os benefícios podem variar e, inclusive, ir além dos comentados neste artigo, dependendo das características individuais de cada pessoa.

É importante lembrar que a flexibilidade na hora de aplicar uma metodologia ágil como o Scrum facilita que suas práticas e que o ambiente de trabalho sejam adaptados para atender às necessidades específicas de cada membro da equipe.



curso em vídeo

Aprenda
informática
com cursos
grátis feitos
por especialistas

Criação de sites,
Programação,
Word, Excel e
muito mais.



curso em vídeo
cursoemvideo.com



Tudo que
podemos ser



Minha viagem para Boston, nos Estados Unidos

Texto por Nicolas Brito Sales

Ilustração
Lucas Ksenhuk



Nícolas Brito Sales

 @nicolasbritosalesoficial
 tudooqueeupossoser@gmail.com

tem 26 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo, profissão

que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nícolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

A viagem que fiz no final do ano passado não foi apenas mais uma qualquer para o meu “currículo” de viagens, mas uma experiência especial, que me permitiu tirar uma série de fotos diferentes e muito significativas.

Inicialmente, a viagem seria apenas dos meus pais. Mas, de última hora, minha mãe percebeu que seria uma baita oportunidade para mim também. Afinal, o outono nos Estados Unidos rende cenários incríveis para fotografia. O objetivo dela era fazer um curso em Harvard, mas ela achou que eu poderia aproveitar a paisagem para registrar tudo com o meu olhar artístico.

Aí começou a correria: meu pai se desdobrou para mudar as passagens em cima da hora e, no fim, deu tudo certo. E bote “tudo certo” nisso! A viagem foi maravilhosa e super valeu a pena.

Eu e meus pais tomamos café da manhã em várias lanchonetes diferentes e fizemos compras em supermercados diversos, o que, pra mim, é o verdadeiro passeio dos sonhos. Eu amo conhecer supermercados estrangeiros. Sempre fico animado com a possibilidade de encontrar produtos que não temos aqui no Brasil.

E, como se tudo isso já não fosse ótimo, consegui tirar fotos únicas por

causa da estação. Fiz obras e quadros lindíssimos, que com certeza estarão em futuras exposições minhas.

Ah, e ainda teve um bônus: fizemos uma escala em Nova York! Passeamos no Central Park e andamos de metrô. O passeio pelo Central Park foi incrível, eu adorei. Já o metrô, nem tanto. Foi uma experiência não tão boa, porque o trem é bem diferente do daqui, é mais apertado, desconfortável, balança bastante e estava lotado. Dá até para entender porque muitos estrangeiros consideram o metrô de São Paulo um dos mais organizados do mundo.

No fim das contas, é muito interessante ver “o outro lado da moeda” quando temos a chance de conhecer outros países. Ter contato com culturas e costumes diferentes é realmente um grande desafio. Se fosse há alguns anos, muito provavelmente eu não teria conseguido, pois sempre fui muito rígido no que diz respeito a mudanças e, provavelmente, não teria gostado de ter feito essa viagem.

Vale lembrar que algumas pessoas autistas têm rigidez em relação a mudanças, justamente porque isso foge da previsibilidade do que se espera. Minha família e todas as pessoas que passaram pela minha vida durante meu desenvolvimento, refiro-me especialmente àquelas que escolheram

me incluir na sociedade, tiveram um papel fundamental e me ajudaram no meu processo evolutivo.

Graças a todas elas, hoje eu consigo enfrentar a maioria das situações adversas e manter a calma. Confesso que algumas coisas ainda me causam ansiedade e me tiram do “eixo”, porém, sem dúvidas, em uma intensidade muito menor do que há uns seis anos. Só tenho a agradecer por essa viagem tão especial e inesquecível.



Quer ajuda no seu dia a dia? O Genioo faz pra você.



SAIBA MAIS
app.tismoo.com.br

O Genioo é uma ferramenta de Inteligência Artificial que tem a capacidade de melhorar o dia a dia de autistas, familiares e pessoas que se relacionam com autismo, auxiliando você em questões práticas.

Já imaginou ter um assistente para cada assunto abaixo?



Professor Genioo



Doutor Genioo



Enfermeiro Genioo



Nutri Genioo



Psicólogo Genioo

